



POR MARCELLO COLLARES,
FISHER INTERNATIONAL, INC.
✉: mcollares@fisher.com

POSSÍVEIS IMPACTOS AO SETOR POR NOVOS IMPOSTOS?

Na edição de fevereiro último da revista *O Papel*, um artigo do Dr. Sergio Leitão, advogado e diretor do Instituto Escolhas, alertou sobre o impacto negativo que a taxação sobre emissões de Gás de Efeito Estufa (GEE – carbono) pode gerar à economia. Será, porém, que esses impostos serão inevitáveis, especialmente agora, que o conceito “salve o planeta” foi totalmente aceito na Conferência do Clima de Paris, da qual participaram 190 países?

Junto com essa dúvida vem a seguinte pergunta: como isso afetará a indústria de papel e celulose? Algumas empresas serão penalizadas por exceder o nível de emissões a ser estabelecido, mas é razoável projetarmos que algumas empresas serão, na verdade, beneficiadas?

Consideremos um cenário local, como o mercado de papel tissue no Brasil. Algumas fábricas terão sólida vantagem sobre outras em termos de menores emissões de gases (*observe a Figura 1 – o FisherSolve™ Carbon Benchmarking, que mostra analiticamente as emissões de carbono de todas as máquinas e fábricas*).

Tendo como premissa que o cálculo será feito de maneira linear (mesmo valor por tonelada para todos), o imposto sobre emissões não alterará significativamente a competitividade das fábricas dentro do País. Estimando tal imposto a US\$ 20/t, o maior impacto desse novo custo sobre o papel produzido será de apenas US\$ 16/t (diferença entre o maior e o menor emissor de carbono multiplicada por US\$ %20/t). Basicamente, todas as fábricas permanecem no mesmo quartil de custos.

Isso não é verdade, no entanto, quando ampliamos nossa análise de competitividade, incluindo o comércio internacional. Qual o impacto do novo imposto sobre uma fábrica brasileira que vende tissue nos Estados Unidos? A Suzano, por exemplo, anunciou duas novas máquinas de tissue localizadas em suas competitivas plantas de celulose: Mucuri (BA) e Imperatriz (MA), ambas para atender inicialmente ao mercado brasileiro. Agora consideremos a possibilidade de, no futuro, a Suzano exportar algum volume de papel. O novo imposto sobre emissões de carbono ajudaria ou não a empresa?

Hoje, analisando as fábricas localizadas no segundo quartil de custos em ambos os países (tissue entregue em Baltimore, em Maryland, nos Estados Unidos), não há clara vantagem competitiva para nenhum produtor (*veja as Figuras 2 e 3*). Logo, há pouca exportação/importação.

No caso de uma fábrica brasileira de baixo custo, que mantém uma posição privilegiada na curva de emissões (com baixa emissão de carbono), teria significativa vantagem sobre várias fábricas norte-americanas de tissue (*observe a Figura 4*).

A razão para tanto está no grande índice de emissão de carbono das típicas fábricas americanas. Se os novos impostos forem cobrados e aplicados de maneira análoga no Brasil e nos Estados Unidos, as fábricas do hemisfério norte terão grande desvantagem competitiva.

No desenvolvimento do mercado mundial de tissue, há grandes e profundas mudanças em curso, tais como novas tecnologias produtivas, taxações sobre emissões de carbono e tendências de integração de máquinas de papel com fábricas de celulose de ponta. Podemos, então, dizer que há potencial nesse processo de o mercado de tissue passar de local a globalizado. ■

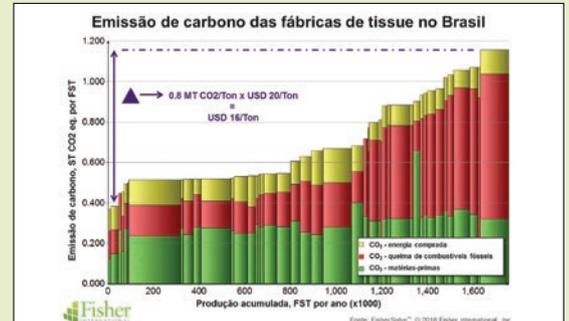


Figura 1. Imposto de \$20 por tonelada de carbono criaria apenas \$16 de diferença por tonelada de papel, entre a melhor e a pior fábrica brasileira

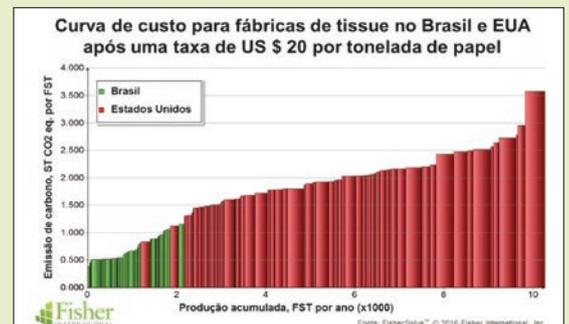


Figura 2. Um imposto de \$20 por tonelada de carbono criaria \$60 de diferença por tonelada de papel entre a melhor fábrica brasileira e a pior fábrica norte-americana. Tal melhor fábrica brasileira teria \$30 por tonelada de vantagem sobre a média americana



Figura 3. Hoje, a típica fábrica brasileira embarcando tissue para os Estados Unidos não tem clara vantagem competitiva

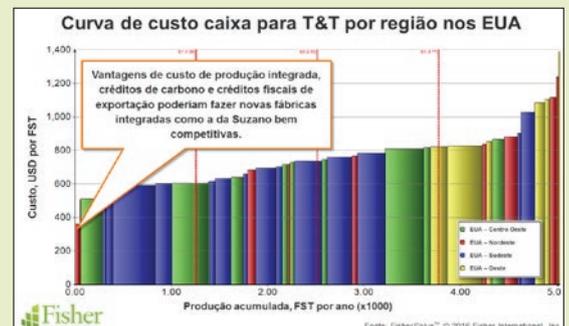


Figura 4. Uma fábrica brasileira de baixo custo, com benefícios de baixas emissões de gases e créditos tributários de exportação, terá pelo menos \$250 de vantagem de custos sobre a fábrica média norte-americana (CIF Baltimore). Esse gráfico mostra a curva de custos de tissue nos EUA